



## O niilismo russo e a saída de Dostoiévski para o problema

Cássia Costa Oliveira\*

A partir do fim do século XVIII e início do século XIX a palavra niilismo começa a aparecer na cultura francesa da revolução bem como no contexto do idealismo alemão, tornando-se tema comum de discussão na segunda metade do século XIX e ganhando maior amplitude nas reflexões filosóficas do século XX.

Etimologicamente o termo niilismo vem do latim (nihil) e quer dizer nada. O termo solto, sem associação a nenhum contexto que o referencie não nos indica ou não nos dá a idéia do que ele quer dizer. Para aprender o significado do conceito: niilismo é preciso associá-lo a um contexto histórico determinado, bem como a um campo específico do conhecimento.

Para Volpi (1999), o niilismo como problema aparece como a expressão dos esforços artísticos, literários e filosóficos direcionados para a vivência do negativo e do profundo mal-estar sentidos na sociedade moderna.

As grandes descobertas da ciência moderna abriram um novo mundo para o homem, um mundo desconhecido, repleto de possibilidades, mas ao mesmo tempo destruiu as antigas certezas da metafísica e da religião que davam segurança e norteavam sua vida, provocando uma cisão entre o mundo sustentado pelo saber tradicional e o novo mundo apresentado pela ciência moderna.

O problema do niilismo nos revela que a crise de sentido que o homem moderno experimenta se dá devido ao abalo das “verdades” tradicionais. Os valores e leis tradicionais que regulavam sua existência entraram em decadência, por não mais responderem ao seu anseio. Esses valores e leis tradicionais eram os que alimentavam de sentido e finalidade o existir humano, justificando a sua vida, ao se desvalorizarem, o

---

Comunicação recebida em 17 de janeiro de 2011 e aprovada em 21 de fevereiro de 2011.

\* Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2002). Atualmente é Tabela de protesto - Tabelionato de Protesto de Títulos da Comarca de Vespasiano e psicoterapeuta - Consultório Particular e mestranda no PPGCR da Puc-Minas ênfase em niilismo e religião.

homem ficou em um mundo sem horizonte, sem referência, sem fundamento. E essa nova condição de existir do homem é experimentada como um vazio, como niilismo.

“O niilismo constitui, assim, uma situação de desnorteamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideais que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana.” (VOLPI, 1999, p. 8).

Em sua obra *O niilismo*, Volpi trata especialmente de um niilismo no pensamento russo, que surgiu no final do século XIX tornando-se um fenômeno generalizado na Rússia. O niilismo no pensamento russo aparece como revolta dos “filhos contra os pais”; da contestação da autoridade e da ordem vigente, do ataque aos valores da religião, da metafísica e da estética tradicional. Esse niilismo foi marcado pelo individualismo e pelo materialismo e se propunha as novas formas de vida que abolissem as convenções e as tradições, renegando o passado, condenando o presente, sem terem uma perspectiva concreta e positiva do futuro.

Turgueniev romancista russo do século XIX foi o responsável pela popularização do termo na Rússia ao usá-lo para caracterizar um de seus personagens no seu livro “Pais e filhos” de 1862. Para ele o niilista era representado como um homem que não se submete perante qualquer autoridade, além de não aceitar como artigo de fé nenhum princípio fora de si mesmo.

Mais foi com Dostoiévski que o problema do niilismo passou a ser refletido com maior profundidade e amplitude. Em seus romances o autor russo aborda o problema através da construção de personagens niilistas, através da criação de situações existenciais que representavam à vivência do negativo, demonstrando a crise da dissolução de valores, que corrompia e destruía a alma russa, chegando até suas últimas conseqüências. Para o romancista o problema do niilismo representava a destruição dos ideais morais baseados no cristianismo. Na obra “O manto do profeta”, Joseph Frank diz:

(...) Dostoiévski tentara mostrar as perigosas conseqüências morais e sociais das idéias niilistas russas, um amálgama puramente local do utilitarismo benthamita, do ateísmo e do socialismo utópico. O propósito dos niilistas não era apenas combater o despotismo czarista; queriam também substituir os ideais herdados dos Evangelhos e dos ensinamentos de Jesus Cristo por uma moral fundamentada no ‘egoísmo racional’. Como romancista, Dostoiévski investigara – em obras como *Memórias do Subsolo*, *Crime e Castigo* e *Os Demônios* – aquilo que temia e previa

ser os resultados, socialmente desastrosos e autodestrutivos para a humanidade, de qualquer tentativa de pôr em prática uma 'nova moral' como essa. Nos quatro anos que passou no exterior, de 1865 a 1871, convenceu-se mais do que nunca de que o niilismo russo era uma transplantação artificial de todas as moléstias ideológicas que minavam a civilização ocidental. (FRANK, 2007, p. 101).

Em sua obra *Crime e Castigo* de 1866 o protagonista, um jovem estudante de nome Raskolnikov sem condições de continuar pagando seus estudos e vivendo na extrema pobreza, planeja o assassinato de uma velha usuária. Para ele a velha não tinha nenhum valor, era má, gananciosa, doente, emprestava dinheiro a juros e vivia torturando a vida de sua irmã mais nova. No pensamento desse personagem a morte da velha significaria um bem para a sociedade e ele seria um herói ao eliminar do mundo um ser maldoso que não serve para nada.

Esse personagem é movido por uma teoria de que o homicídio era permitido, já que para ele haviam duas classes de homens que compunham o mundo: os extraordinários (raros, geniais) e que trabalhavam para o bem da humanidade e os ordinários, os homens comuns. Para ele a moral humana só era válida para os homens ordinários. Os homens extraordinários como: Napoleão, a quem ele admirava e se espelhava, não estavam submetidos à lei, tudo podiam fazer, podiam cometer qualquer crime, sem passar por nenhuma crise de consciência. Desejando estar entre os homens extraordinários ele planeja e mata a velha usuária. Raskolnikov representa a vivência das idéias niilista levadas até suas últimas conseqüências: o crime contra outro ser humano.

Outro personagem niilista criado por Dostoiévski é Ivan Karamázov da obra *Os irmãos Karamázov* de 1880. Ivan livre pensador é movido pela idéia de que ao destruir no homem a fé em sua imortalidade não haverá nada amoral nem proibido ao homem. A concepção desse personagem leva-o a concluir que o crime não só é permitido, como dever ser reconhecido como a saída mais racional para o homem:

Não mais que cinco dias atrás, debatendo numa reunião social aqui na cidade, em que predominavam senhoras, ele declarou em tom solene que em toda a face da Terra não existe terminamente nada que obrigue os homens a amarem seus semelhantes, que essa lei da natureza, que reza que o homem ame a humanidade, não existe em absoluto e que, se até hoje existiu o amor na Terra, este não se deveu à lei natural, mas tão-só ao fato de que os homens acreditavam na própria imortalidade. Ivan Fiódorovitch acrescentou, entre parênteses, que é nisso que consiste toda a lei natural, de sorte que, destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade, neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: então não haverá mais

nada amoral, tudo será permitido, até a antropofagia. Mas isso ainda é pouco: ele concluiu afirmando que, para cada indivíduo particular, por exemplo, como nós aqui, que não acredita em Deus nem na própria imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem mas, até mesmo reconhecido como a saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para sua situação. (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 109-110)

Esse pensamento niilista de Ivan: “Se Deus não existe, tudo é permitido”, influencia outro personagem ao longo da trama a cometer um crime contra o velho pai Karamázov.

Esse niilismo vivido pelos personagens de Dostoiévski é segundo Pondé (2003) um niilismo moral, psicológico, epistemológico. Nele niilismo, materialismo, naturalismo são sinônimos.

Pondé entende que para o romancista russo o homem conduzido por sua razão e tendo consciência de sua liberdade cai no círculo infernal do niilismo. Tanto o personagem Ivan Karamázov, quanto o Raskolnikov representam essa razão que a tudo vai desmontando. Eles constroem teorias através do exercício livre da razão. E é essa razão que os afastam de Deus (razão deífuga). Essa tentativa de objetivação do mundo via razão moderna significa para Dostoiévski a morte do homem em vida, no sentido que objetivar o mundo é mesmo que decompô-lo, fragmentá-lo, despedaçá-lo, assassiná-lo.

Para Dostoiévski o ser humano é livre, e essa liberdade é vista como sobrenatural, incriada, como uma marca de Deus no homem. Deus é livre, o homem também o é.

Mas o problema aparece devido à ambigüidade da natureza humana, sendo livre, ele acaba por escolher mal. Para o romancista esse é o grande dilema do ser humano, o homem é radicalmente livre, mas tem pavor dessa liberdade e cria a sociedade como uma forma de protegê-lo contra essa liberdade essencial, a sociedade é como um remédio para a liberdade sobrenatural do homem. “Não existe nada mais sedutor para o homem que sua liberdade de consciência, mas tampouco exista nada mais angustiante”. (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 353).

O niilismo em Dostoiévski aparece como algo que destrói o sentido moral da existência. Seus personagens niilistas representam à vivência da radicalidade do niilismo devido ao exercício puro da razão. E é justamente dessa vivência radical do niilismo que o romancista russo aponta sua saída para o problema do niilismo.

No romance dostoiévskiano o desenvolvimento moral dos seus personagens

começa a partir do próprio crime, pois é a partir nesse momento que é possível surgir questões que antes não teriam existido.

Raskolnikov ao cometer o crime, não consegue se livrar dele. A mesma lógica que o leva cometê-lo, o acusa após o delito. Depois do crime ele se vê atormentado pelo ato e tenta se livrar dele:

Basta! – exclamou com energia e entusiasmo. – Fora com ilusões, como medos absurdos, com visões! Ah, a vida! Não vivi eu, por acaso, há um momento? A minha vida não morreu ao mesmo tempo que a da velha viúva! Ela está no céu e ... Já chega, velhota; agora já é tempo de deixar os outros em paz! Que agora comece o reino da razão e da luz, da liberdade e da força, e depois veremos! Vamos ver qual de nós é que ganha! (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 217).

Mas ao longo da trama ele percebe que ele não é um desses homens extraordinários como desejava, já que não consegue se libertar do crime:

Pelo visto ele imaginou que era um desses homens geniais... isto é, acreditou nisso durante algum tempo. Sofreu muito, e agora sofre também ao pensar que soube escrever a sua teoria, sim, mas que não é capaz de saltar a barreira sem se deter a pensar sobre o caso; isto é, que não é nenhum homem genial. (DOSTOIÉVSKI, 1993, p. 559).

Da mesma forma o personagem Ivan Karamázov com suas idéias influenciou um meio irmão a cometer o crime contra seu pai. A partir daí ele passa a ter visões e delírios, culpabilizando-se por ser sido o mentor intelectual do crime e por ter desejado a morte do pai.

- Se não foi Dmitri, mas Smierdiakóv quem matou, então é claro que na oportunidade fui solidário com ele porque o incitei. Se o incitei, ainda não sei. Mas se só ele matou e não Dmitri, então é claro, eu também matei. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 799).

O niilismo moral de Dostoiévski coloca em contrapondo opostos inconciliáveis, homem e Deus, ser e nada, demonstrando através da rivalidade desses opostos, a dialética trágica entre mal e bem, fé e ateísmo. No qual para todo o sofrimento, desespero e morte há sempre uma saída, uma chance de salvação, um gesto de afeto e solidariedade, simbolizados pela figura do Cristo redentor que resgata pelo próprio sofrimento todo mal da humanidade. Nesse sentido a saída para Dostoiévski para o niilismo seria uma

reafirmação dos ideais morais do cristianismo. Uma saída difícil, angustiante, que exige do homem um grande sacrifício. O sacrifício de si mesmo em prol do bem maior.

Amar o homem como a si mesmo, conforme o mandamento do Cristo, é impossível. A lei da personalidade na terra manietta a gente. O Ego fica no meio. Mas Cristo era um perpétuo ideal eterno que o homem forceja por alcançar e, de acordo com a lei da natureza, presumivelmente da natureza humana, deveria esforçar-se por fazê-lo. (DOSTOIEVSKI apud FRANK, 2007, p. 35).

Dostoiévski conduz seus personagens niilistas a realizar suas idéias, a experimentar a radicalidade do niilismo, mas como eles não conseguem sustentar a angústia da liberdade radical, nem do “tudo é permitido” ou de viver em um mundo sem princípio moral, o romancista os conduz a partir do próprio niilismo a uma auto-reflexão que os levem a redenção, através da aceitação da fragilidade humana frente ao incognoscível.

Na medida em que vamos aprofundando nossas leituras estamos percebendo que o que Dostoiévski pretende é colocar o cristianismo como o grande farol para novamente iluminar a caminhada do homem tão desgastada com as grandes revoluções modernas.

Dessa forma a resposta do romancista para combater o niilismo é enfrentá-lo através do exercício da liberdade incriada ou sobrenatural, que conduz a vivência do amor tendo como exemplo máximo Cristo, que inocente morreu crucificado por amor à humanidade. No romance dostoiévskiano esse é o preço que se paga na Terra por viver essa liberdade sobrenatural.

## **Referências**

DOSTOIEVSKI, F. **Crime e Castigo**. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

DOSTOIEVSKI F. **Os irmãos Karamázov**. 2 vol. São Paulo: Editora 34, 2008.

FRANK, J. **Os anos milagrosos**. São Paulo: Edusp, 2003.

FRANK, J. **O manto do profeta**. São Paulo: Edusp, 2007.

PONDÉ, L. F. **Crítica e profecia. A filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 2003.

VOLPI, F. **O niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.